

ESCRITA COLETIVA: CABEÇAS DISTANTES, CONHECIMENTOS ARTICULADOS

05/2007

Wagner Francisco Castilho – UFRGS - wagnercastilho@gmail.com

Ederson Luiz Locatelli – UFRGS - locatellisj@gmail.com

Luciana Backes – UFRGS - lucianab@msbnet.com.br

Roberto Tadeu Ramos Moraes – UFRGS - posgrad@faccat.br

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: Educação Universitária

Natureza: Descrição de Projeto em Andamento

Classe: Experiência Inovadora

Resumo:

Este artigo trata da escrita coletiva, como instrumento de construção e representação do conhecimento, e de conceitos relacionados com o suporte tecnológico e os ambientes de CSCL e CSCW que permitem o seu desenvolvimento. São descritos aspectos relacionados à perspectiva histórica, à mediação pela tecnologia e os conceitos de cooperação, colaboração, interação e interatividade. Depois, uma descrição do processo e uma análise das histórias de aprendizagens dos autores em uma experimentação no contexto do *Seminário Oficinas Virtuais de Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação/UFRGS*. A escrita é, portanto, considerada como forma de representação elaborada do conhecimento. A escrita coletiva é uma possibilidade de coordenar essas diferentes representações em um dinamismo mais rico e complexo no contexto da coexistência entre as distinções de cada indivíduo. A coordenação da coordenação de ações que caracteriza a linguagem se efetiva a partir dos processos de interação e cooperação, que podem ser desenvolvidos também em ambientes digitais virtuais. Concluiu-se pela importância da *concepção epistemológica que sustenta a construção do ambiente de suporte digital à escrita coletiva, onde a flexibilidade e a interatividade devem favorecer a cooperação e a interação na construção de sentidos compartilhados. Constata-se a relevância da construção de um espaço de confiança e de respeito mútuo no processo de coordenação de ações na escrita cooperativa. Este artigo é a peça final da experiência de escrita coletiva dos autores.*

Palavras-chave: escrita coletiva; colaboração e cooperação; interação e interatividade

1 - Introdução

A escrita tem caminhado com o homem desde os tempos primevos como uma forma de representar o pensamento, ensinar o relacionamento, o desenvolvimento das ciências e das artes, da cultura, do fazer humano e do viver em sociedade. Segundo Echeverría (1997, p. 31), “a palavra não só descreve o mundo como também tem uma função gerativa, criadora de novos mundos e realidades, dentro da perspectiva dos observadores diversos que somos cada um de nós.” Maturana e Varela (2001, p. 31 e 32) dizem que “tudo o que é dito é dito por alguém”, destacando a importância do falante, que ao se expressar representa a sua história de interações construída no seu viver em relação aos outros. E destacam o papel gerador da linguagem e do conhecer quando dizem que “todo ato de conhecer faz surgir um mundo”. O mundo que “fazemos surgir” é, então, distinguido com influências particulares do modelo mental do observador: sua história pessoal, sua biologia, sua cultura e sua linguagem.

A aventura da representação escrita vem da escrita cuneiforme, grafada em placas de barro, até o hipertexto da atualidade, elaborados com suporte de editores de textos, que funcionam em máquinas digitais, onde os cristais de barro agora deram origem a microprocessadores velocíssimos. Neste artigo, faz-se um esboço de alguns traços sobre o desenvolvimento da escrita, destacando sua caminhada a cada sobressalto do invento humano, corporificado sobre a forma de tecnologias novas que modificam o pensar, o relacionar e o fazer da sociedade contemporânea. Após essa rápida digressão, trata-se da escrita coletiva mediada pela tecnologia digital. De princípio, cumprirá precisar o significado de alguns termos como colaboração e cooperação, interação e interatividade. Depois, os ambientes de escrita coletiva serão comentados, assim como traços de histórias de aprendizagens do uso de um ambiente chamado ETC, desenvolvido na UFRGS, e aplicado no *Seminário Oficinas Virtuais de Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação/UFRGS*. Por fim, serão apresentadas as conclusões.

2 - Desenvolvimento da Escrita

A comunicação entre os homens, desde muito tempo, se caracterizou por maneiras diversificadas de manifestação. Muitas foram às formas simbólicas capazes de ensinar o compartilhamento de significado. O homem é um ser social capaz de transformar e também ser transformado pelo contexto. É capaz de aprimorar cada vez mais a linguagem e a produção de sentido na construção da cultura.

Segundo Marcuschi (2001), a escrita é uma prática sócio-cultural relativamente recente na humanidade e não tem mais do que cinco mil anos na forma como a conhecemos hoje. Hoje, na escrita, o plano de inscrição em que os seus caracteres eram grafados se volatilizou para telas de cristal líquido na fugacidade de alguns *cliques* no teclado de um computador. Escrever se tornou uma atividade plástica e relativamente cômoda, onde desenhar e redesenhar o texto na tessitura do contexto segue conforme a plasticidade e o fulgor do pensamento.

Inicialmente os pensamentos e percepções eram, no entanto, expressos por desenhos feitos nas paredes das cavernas, denominados de pintura rupestre, por volta de 4000 a.C. Mais tarde, foram descobertos os ideogramas, desenvolvidos principalmente em tribos indígenas. Porém algumas idéias e significados não eram possíveis de serem representadas tendo em vista seu caráter eminentemente abstrato. Foi então que se evidenciou um salto qualitativo

para se chegar ao sistema que hoje se utiliza. Surgiu a escrita logográfica, utilizando signos que representam a própria palavra, criando um sistema convencional. Mais tarde, surgiu a fonetização, onde foram feitas associações e combinações fonéticas entre os signos e as palavras. Foi possível criar, então o sistema alfabético de escrita.

Os filósofos na Grécia Antiga primavam pelo diálogo como forma superior a escrita para a aprendizagem, pois o texto não era capaz de "tocar" por todos os prismas de significação quanto uma conversa. Neste sentido, temos o exemplo dos peripatéticos, jovens que aprendiam passeando e conversando com o mestre. Na Idade Média, existia a *disputatio*, onde os estudantes andavam, dois andando de costas de frente para outros dois, lançando problemas filosóficos e argumentando, uns com os outros. Esta forma de aprendizagem foi muito utilizada até décadas atrás em algumas ordens religiosas, como por exemplo, os jesuítas. Os jesuítas utilizavam este método com os seus alunos e candidatos à Companhia de Jesus. Assim, o diálogo, as conversas e os debates eram exercícios que caracterizavam uma "oralidade" coletiva.

A escrita, considerada uma das tecnologias de expressão mais antigas, foi sendo (re)significada com o avanço de outras tecnologias, em um fenômeno de convergência e de hibridização. Foi o caso da imprensa, que, por meio da socialização do conhecimento, bem como sua dinamização, trouxe nova velocidade de expressão do conhecimento coletivo. O desenvolvimento da computação e suas aplicações, coma marca da nossa contemporaneidade, trouxe novo desenvolvimento às suas formas de construção. A influência das tecnologias digitais vem modificando as formas de cooperar e de escrever, no contexto de ambientes de trabalho colaborativo assistido por computador (CSCW - Computer Supported Collaborative Work) e da aprendizagem colaborativa assistida por computador (CSCL - *Computer Supported Collaborative Learning*). Nesse contexto, escrever utilizando editores de texto possibilita uma nova dinâmica na articulação entre os parágrafos e na WEB o recurso do hipertexto permite transcender os limites do próprio texto para a transtextualidade. O hipertexto se torna "um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras." (MARCUSCHI, 2001, p.82)

Esta nova forma de escrever, mediada pelo computador, tem mudado a relação entre os atores da construção do conhecimento. Neste contexto, a CSCL, entre outros aspectos, investiga novas formas de construção de objetos de aprendizagem cooperativa suportada por computador. Nesse sentido, com tantos recursos à disposição, a prática pedagógica necessita de uma reinvenção a partir das oportunidades novas ensejadas por esses recursos.

3 - Escrita Coletiva mediada pela Tecnologia

Hoje a escrita sai da dimensão da autoria individual para a dimensão da construção coletiva, onde conhecimentos e perspectivas se combinam para a criação de um trabalho mais rico, complexo e diversificado. Nesse contexto, a significação de alguns termos precisa ser rediscutida, pois assim se poderão compreender as bases conceituais em que essa prática se constrói e ampliar os processos de ensinar e aprender na prática educativa.

A escrita coletiva, para alcançar seus objetivos, de construir o conhecimento com base na coexistência e na diversidade, necessita de uma transformação paradigmática, ou seja, mudanças nas concepções e métodos de ensino e de aprendizagem. Turrof *apud* Jonassen (1996) já alertava que o uso da

tecnologia na aprendizagem a distância vem repetidamente proporcionando os mais ineficazes métodos de instrução ao vivo. Então o que muitas vezes percebemos é uma reprodução das práticas pedagógicas utilizadas em aulas presenciais físicas, nas aulas presenciais virtuais, resultando em resultados ineficazes na educação à distância. O uso da tecnologia poderá permitir, no entanto, aos participantes, em maior ou menor grau, o pensamento reflexivo, conversacional, colaborativo, intencional e contextual, dependendo da forma como a estrutura e as funcionalidades do ambiente que suporta as interações seja modelada.

Segundo Marcuschi (2001), estudos realizados a propósito da questão cognitiva e da coerência hipertextual mostram que as ligações serão mais eficazes quando dizem respeito a interesses imediatos dos leitores. Um dos grandes desafios de um texto coletivo é a convergência das idéias para um objetivo e sentidos compartilhados. Na escrita coletiva, os autores buscam compartilhar sentido e dar coerência ao texto em construção. Dessa forma reflexionam e aprendem, fazendo com que cada frase complemente e diversifique em um processo de co-autoria no fluxo de construção de coerência e de coesão significativa.

“Aprender a aprender” e “aprender fazendo” nos remetem para a contextualização. Precisamos, assim, proporcionar aos estudantes oportunidades de relacionar os conhecimentos apreendidos com a vida e ação diuturna.

De acordo com Piaget o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, mas ele se constrói na interação do sujeito com o objeto. É na medida que o sujeito interage (e portanto age sobre e sofre ação do objeto) que ele vai produzindo sua capacidade de conhecer e vai produzindo também o próprio conhecimento [...] é um construtivismo interacionista. (FRANCO, 2004, p. 19)

Na escrita coletiva, o conceito de objetivos compartilhados tem relevância. Segundo Senge (1990, p. 18) "quando existe um objetivo concreto e legítimo, as pessoas dão tudo de si e aprendem, não por obrigação, mas por livre e espontânea vontade." Esse é o ambiente da escrita coletiva? Se entendermos a escrita coletiva como uma abordagem de aprendizagem construtivista que nos remete a construção de significado pelos participantes, onde o conhecimento é construído ao invés de transmitido, podemos afirmar que sim.

3.1 - Colaboração/Cooperação

Em muitos momentos escutamos expressões e falas em que os termos colaboração e cooperação são tratados de maneira indiscriminada. No entanto, muitos autores estão tratando estes dois vocábulos de maneira discriminada, pois representam distinções significativas no processo educativo. "A colaboração constitui-se em uma colagem, sem discussões durante o processo criativo." (PRIMO, 2003, p.12).

Piaget (1973) *apud* Primo (2003, p.13) afirma que cooperar envolve "operações efetuadas em comum ou em correspondência recíproca". O autor acrescenta que *na cooperação* "o 'eu' é substituído pelo 'nós' e que as ações e 'operações' se tornam, uma vez completadas pela adjunção da dimensão coletiva, interações, quer dizer, condutas se modificando umas às outras".

Nesse sentido, Piaget (1973) define cooperação como co-operação no sentido de cooperar em comum (todos por todos) na ação se caracterizando pela coordenação de pontos de vistas diferentes, pela reciprocidade ou complementaridade, bem como a existência de regras autônomas de condutas apoiadas no respeito mútuo.

Dessa forma, embora cooperação e colaboração sejam muitas vezes utilizadas como sinônimas, se a opção for por uma maior precisão semântica, deve-se considerar que "o conceito de cooperação é mais complexo que o de interação e de colaboração, pois além de pressupor ambos, requer relações de respeito mútuo e não hierárquicas entre os envolvidos, uma postura de tolerância e convivência com as diferenças e um processo de negociação constante." (BEHAR,2007)

Assim cooperar implica em coordenar ações, físicas e mentais, com outros sujeitos, para que então se construa algo que represente cada um dos envolvidos. "A diferença fundamental entre os conceitos de colaboração e cooperação reside no fato de que para haver colaboração o indivíduo deve interagir com o outro existindo ajuda - mútua ou unilateral.(BEHAR, 2007) Então para colaborar basta ajudar ou fazer pelo outro sujeito. "Para existir cooperação deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas". (BEHAR, 2007)

3.2 - Interação/Interatividade

Antes de entrar na discussão sobre a relação entre interação/interatividade, é necessário refletir sobre a interação, que pressupõem a "ação entre". Este fato nos remete, então, a uma discussão inicial. Para haver ação entre os sujeitos precisamos da comunicação, e neste caso, mais precisamente, de uma relação de diálogo.

"O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre a sua realidade tal como a fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos mais capazes de saber que sabemos, que é algo mais do que só saber. [...] Através do diálogo, refletimos juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade", segundo (FREIRE, 1992, p. 123).

A literatura vem expandindo gradativamente a discussão sobre os termos interação e interatividade, a tal ponto de generalizar-se e dificultar a distinção. Para alguns autores os termos são sinônimos. Vittadini (1995), por exemplo, afirma que a interatividade é uma peculiaridade de alguns tipos de sistemas informatizados que permitem ações recíprocas de modo dialógico com outros usuários e em tempo real. Primo (2003), por sua vez, denomina como interatividade as ações mediadas por computador e como interação as ações entre os participantes do encontro. Em outra posição em relação ao pensamento de Primo, surge Silva (1999, p.155), que define interatividade como "a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, e, ao mesmo tempo, atentando para as interações existentes e promovendo, mais e melhores interações - seja entre usuário e tecnologias comunicacionais (hipertextuais ou não), seja nas relações (presenciais ou virtuais) entre seres humanos.

Percebe-se, assim, que os conceitos de interação e interatividade, nos remetem para uma transformação na relação comunicacional onde o receptor se desloca da posição passiva de somente receber a mensagem para a livre criação, onde esta ganha novos sentidos sob sua intervenção de maneira recursiva, pois envolve também numa resposta e uma nova recepção.

3.3 - Ambientes de Escrita Coletiva

Bolter, citado em Marcuschi (2001), já afirmava que a escrita superou o espaço da folha de papel e do livro, alcançando uma realidade virtual. Surge, assim o hipertexto, no contexto da escrita coletiva. Mas o que vem a ser hipertexto? Trata-se de um modo de interagir com textos e não só uma ferramenta como os processadores de texto. Nele o leitor assume um papel ativo, sendo ao mesmo tempo um co-autor.

Assim, leitor e escritor tornam-se parte de um mesmo processo e a escrita deixa de ser uma tarefa menos individual para se tornar uma atividade mais colaborativa e que "facilita a construção social do conhecimento." (MARCUSHI, 2001, p.1).

Para Primo (2003) os blogs e o sistema Wiki são duas das tecnologias que nos últimos tempos tem atraído a atenção de grupos interagentes para a construção coletiva de hipertextos. Também há o recurso de editor de texto coletivo no Google e softwares construídos por equipes multidisciplinares, no âmbito de pesquisas acadêmicas como o Equitext e o ETC, ambos construídos em fundamentos epistemológicos de aprendizagem construtivista, no Centro Interdisciplinar de novas tecnologias na Educação.

3.3.1 - Editor de Texto Coletivo

Com a ampliação da compreensão da importância da escrita coletiva, iniciou-se o processo de construção de espaços para esta prática. Nas escolas muitas metodologias foram desenvolvidas nesse sentido, como a escrita de relatórios de visitas em grande grupo, escrita de histórias em pequenos grupos, escritas utilizando editores de texto, assim como o recurso da ferramenta de controlar alterações e realçar alterações de alguns editores digitais.

Como tecnologias específicas para a escrita coletiva, tem-se, no entanto, o software Equitext, privilegiando principalmente o processo de interação. Este ambiente, segundo Alonso, Rizzi e Seixas (2003), possibilita a comunicação, negociação, coordenação e compartilhamento entre os sujeitos para a execução de uma tarefa comum. O Equitext possui uma interface amigável, pois a estruturação do texto se dá por meio de parágrafos, que armazena um histórico sobre o autor do mesmo e comentários. Ao final do texto é possível gerar um arquivo .html.

O ETC é uma ferramenta desenvolvida para a escrita coletiva com características de ambiente virtual cooperativo, pois além da possibilidade de elaborar o texto entre sujeitos dispersos geograficamente, de maneira síncrona e assíncrona, possui ferramentas como fórum, bate papo, comunicador instantâneo e biblioteca. Este *software* tem como princípio possibilitar a construção de um texto de forma cooperativa/colaborativa fundamentado na teoria piagetiana (1995; 1973), segundo Behar *et all* (2006). O texto pode ser organizado em seções e/ou parágrafos, sendo que qualquer participante pode editar e reeditar tudo que foi escrito, sem perder as idéias iniciais que são recuperadas por meio do link "histórico". Esta relação hierárquica possibilita o desenvolvimento de ações de cooperação entre os participantes. Ao final do texto é possível gerar também um arquivo html.

Uma das últimas novidades do Google é o Textos e Planilhas, versão Beta de um editor de texto coletivo. Nesta ferramenta, há a oportunidade de trabalhar um texto coletivo. Ao entrar no Google Textos e Planilhas, o usuário tem como primeira opção os textos que estão disponíveis para ele. Podem-se criar novos documentos ou continuar cooperando nos textos que iniciou ou que foi convidado a participar. As formas de participação são como proprietário, colaborador ou

leitor. Quando se entra em um dos textos, uma nova janela se abre com o texto e com os recursos de um editor simples para trabalhar nele. Neste editor de texto coletivo do Google é possível as seguintes atividades:

- Trabalhar com documentos Word, OpenOffice, RTF, HTML ou criar documentos totalmente novos;
- Usar o editor WYSIWYG simples;
- Convidar pessoas a editarem ou visualizarem seus documentos e planilhas;
- Editar documentos on-line;
- Publicar documentos e planilhas on-line;
- Baixar documentos como Word, OpenOffice, RTF, PDF, HTML ou zip.

3.3.2 – O processo e as histórias de aprendizagens

Na experimentação realizada, o grupo começou buscando um consenso sobre a estrutura do texto coletivo. Nessa conversa, todos opinaram e de forma coletiva foram sendo desenhadas as seções do trabalho. Depois, cada um foi fazendo suas contribuições: escrevendo, reescrevendo, corrigindo, complementando, em um trabalho de co-autoria. Fóruns e chats e troca de mensagens, além conversas presenciais, foram alimentando a unidade do grupo e o desenvolvimento do trabalho.

Ao escrever textos coletivamente, por meio de um ambiente virtual cooperativo, foi possível evidenciar alguns aspectos significativos que contribuíram com o processo de aprendizagem:

1. A familiarização com a tecnologia digital na utilização dos recursos, na identificação das possibilidades de interação e também as suas limitações;
2. A organização de encontros a distância síncronos entre os participantes para que ocorra a interação e conseqüentemente a evolução do texto coletivo;
3. Escrita sobre o conhecimento que está sendo discutido;
4. Coordenação dos conhecimentos, transformando-os e/ou ampliando-os;
5. (Re)escrita do texto para que esteja representando o pensamento de significações compatilhadas.

Uma experimentação foi realizada no contexto do *Seminário Oficinas Virtuais de Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação/UFRGS*. Esse artigo é resultado dessa experimentação de construção coletiva. Os aspectos citados acima podem, assim, ser evidenciados em alguns extratos do fórum de discussão realizados pelos autores, a fim de se destacar algumas de suas percepções e observações no decorrer do processo de escrita coletiva.

Os participantes do grupo nunca haviam utilizado o software ETC para a escrita coletiva, assim houve algumas situações que contribuíram para o desenvolvimento do artigo, bem como a construção da noção de um texto coletivo. Inicialmente o grupo criou um texto sobre outro assunto onde os participantes colocavam suas idéias de maneira aleatória, um pouco no modelo como são organizados os trabalhos em grupo nas atividades escolares. Já no segundo texto o grupo apresentou uma postura diferente, percebeu que havia no ambiente virtual cooperativo a funcionalidade de criação de seções e parágrafos e passou a estruturar os diálogos por meio dessa lógica. A familiarização com o ETC favoreceu o desenvolvimento de um trabalho mais estruturado e dinâmico, inclusive no que diz respeito à alteração nos parágrafos escritos por outros participantes. No entanto, houve algumas dificuldade no aprendizado das funções

do ambiente, mas que foram contornadas com a cooperação. Na utilização do recurso editar, podemos destacar o relato de Luciana: "Hoje fiz uma leitura geral do texto, tive muita dificuldade com o ETC, não consegui editar alguns parágrafo, então fiz contribuições nos comentários e não consegui visualizar o parágrafo na íntegra na tela do computador precisando utilizar a barra de rolagem horizontal." Essa dificuldade foi superada pela familiarização com a ferramenta comentário, o que resultou na continuação da atividade.

"Luciana, Wagner e Ederson: irei colocar algumas contribuições em nosso texto coletivo até sexta-feira. Quem sabe nos falamos no sábado para verificar se o texto terá 'suco'?" Roberto destaca junto aos demais sujeitos participantes que o processo de interação presencial, proposta para um encontro no sábado, pode também fazer parte do processo de construção de sentido coletivo. Para ele é fundamental para a ação (construção do texto) e reflexão sobre a ação, quando propõe verificar "se o texto terá 'suco' na construção do conhecimento.

"As organizações são um conjunto de relacionamentos, mantidos por uma rede de conversações. Tudo são conversas. Fazer gestão de organizações ou gestão de relacionamentos é fazer gestão de conversas." Já Wagner, identifica esse processo de interação no conviver do grupo e consegue conceituar o processo coordenando a coordenação das ações.

"Hoje realizei um outro tipo de participação no ETC, não inclui informações em nenhuma seção, mas articulei as idéias do texto de autoria do Primo com o parágrafo que o colega Roberto escreveu sobre interação. Na minha percepção acho importante quando falamos em interação, falamos também sobre a nossa compreensão de diálogo, pois este é que viabilizará a interação, seja por computador ou presencial física. O diálogo é uma comunicação que não precisa ser necessariamente oral ou escrita, pode ser também simbólica." Para Luciana a escrita coletiva também se efetiva na cooperação, onde a representação de sentido de um sujeito é elemento desencadeador para a articulação e relação com a representação do outro sujeito, havendo a transformação e/ou ampliação do conhecimento.

"Olha, não pensava que teria tanta adrenalina ao trabalhar no texto. Pareceu-me que vocês estavam ali falando e eu deveria articular as minhas contribuições com as de vocês. Eu tentei contribuir. Acho que foi uma pequena contribuição, mas to gostando muito deste trabalho." Ederson representou a sua percepção sobre o conviver numa escrita coletiva, relacionando com o próprio diálogo, o que a caracteriza como um texto único e coeso e não apenas como fragmentos onde cada um faz uma parte.

4 - Análise do Estudo

Com o intuito de alcançar o objetivo de construção de um texto coletivo em um ambiente estabelecido para essa prática, foi feita a análise dos dados a partir das informações coletadas na experiência vivida pelos autores do presente artigo.

Assim, se constatou algumas evidências ao longo deste trabalho. A primeira constatação é a de que a escrita coletiva necessita que as ações dos partícipes sejam coordenadas por conversas de coordenação, ou seja, que a ação conjunta dos seus membros seja na busca de objetivos compartilhados.

Na seqüência dos estudos se percebeu o "desequilíbrio" produzido no grupo de trabalho enquanto se realizava a construção do texto coletivo. Por desequilíbrio entenda-se o deslocamento da zona de conforto, ou seja, o novo sempre nos trás inquietudes e ameaças em relação ao nosso estado de

“equilíbrio”. A escrita coletiva proporcionou a experimentação de uma nova dimensão de autoria.

Algumas questões brotaram como elementos de fundo do discurso de coordenação para a cooperação. Isto pode ser evidenciado por algumas questões como: será que posso alterar o que o meu colega fez? Como me colocar no meio de todos estes parágrafos? Se eu colocar esta ou aquela frase contribuo para o sentido do texto?

Por fim, verificou-se a necessidade da construção de um espaço compartilhamento de confiança, respeito mútuo e propósito coletivo de co-autoria.

5 - Conclusão

Segundo Echeverría (1997, p. 51), "sempre que vemos os membros de uma espécie coordenando ações comuns, falamos em comunicação". A linguagem se manifesta apenas num tipo particular de coordenação de ações: quando há uma coordenação consensual de coordenação de ações, ou seja, os membros que integram uma ação coordenam a forma com a qual coordenam, juntos, a ação. A linguagem é, portanto, uma coordenação recursiva do comportamento. A linguagem humana tem uma capacidade recursiva que é à base da reflexão e da razão humana.

No processo de escrita coletiva, o processo de coordenação consensual de coordenação de ações é trabalhado no dinamismo e na complexidade do relacionamento entre os autores envolvidos. Da experimentação realizada, juntamente com pesquisa teórica de suporte efetuada, conclui-se que a escrita coletiva é uma maneira de gerar conhecimento consensual e compartilhado, mais rico e diversificado, na medida em que acolhe a diversidade de perspectivas e experiências dos múltiplos atores envolvidos.

A linguagem esteve presente do cotidiano do ser humano há alguns milhares de anos. No caso da escrita, grafada na pedra, no papel ou como bytes no computador, foi e é uma forma de comunicação e interação entre os seres humanos. A sua história permite observar uma dilatação e coletivização do conhecimento, juntamente com o desenvolvimento tecnológico, onde da autoria individual surgiu também a autoria coletiva suportada por interfaces digitais.

Dentre as formas de trabalho mediado pela tecnologia, o texto coletivo exige novas formas de coordenação na reflexão e na ação. Elaborar um texto coletivo entre quatro cabeças e oito mãos foi uma experiência complexa e provocadora de auto-superação de horizontes de significação para a coordenação sistêmica.

Conclui-se também que o espaço compartilhado de confiança e respeito mútuo foi o que manteve a unidade do grupo de co-autoria, fazendo das diferenças elementos agregadores de riqueza de perspectiva e diversidade de conhecimento. Acredita-se que sem confiança e respeito como vigas mestras de unidade no desenvolvimento do trabalho não pode existir uma coordenação efetiva de ações. A escrita coletiva não é uma mera aglutinação de extratos estanques de idéias, mas sim uma dinâmica de relacionamento em que os autores se coordenam em uma dança de construção de conhecimento coletivo. O aspecto da influência da confiança e do respeito podem ser melhor analisados em trabalhos vindouros.

Pretende-se também como trabalho futuro aprofundar a pesquisa quanto ao mecanismo de coordenação de coordenação de ações subjacente ao processo de escrita coletiva. Analisar o meta-esquema empregado para organizar a organização do processo de escrever coletivamente. Para isso, pode-se se

procurar analisar melhor a influência do conhecimento prévio ("preconceitos"), da construção de liderança, assim como a capacidade para lidar com as diferenças, a partir de um acompanhamento do contexto e das narrativas e "meta-narrativas" dos co-autores a respeito da forma como se coordenaram, tendo como ponto de partida parâmetros escolhidos e subsídios de teorias de suporte. Este experimento e este artigo comprovam que cabeças separadas por uma distância espacial, podem, não obstante, produzir conhecimentos articulados – a escrita coletiva pode ser o instrumento dessa realização.

6 – Referências

- ALONSO, RIZZI, SEIXAS. **Software Equitext** - Uma ferramenta para escrita colaborativa na web. Disponível em http://www.tise.cl/archivos/tise2003/software/software_equitext.pdf
- BEHAR, Patricia Alejandra. **Íntegra de debate da disciplina Oficinas Virtuais de Aprendizagem**. UFRGS/PPGIE, 29 de março de 2007.
- ECHEVERRÍA, R. **Ontologia del Lenguaje**. 4ª ed. Santiago, Chile: Dolmen Ediciones, 1997.
- FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. **O construtivismo e a educação**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- GOOGLE, Textos e Planilhas. <http://docs.google.com/support/bin/answer.py?answer=49008>
- JONASSEN, David. **O uso das novas tecnologias na educação a distância e a aprendizagem construtiva**. In: Revista Espaço Aberto, Brasília, ano 16, nº 70, abr/jun, 1996.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa em marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. In: Linguagem e Ensino, Vol. 4, nº 1, 2001. Disponível em < <http://rle.ucpel.tche.br> > Acesso em 01/04/07.
- MATURANA, H. R; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- PRIMO, Alex. **Quão interativo é o hipertexto?** : Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003
- SILVA, Marco. **Um convite à interatividade e a complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula**. In: GONÇALVES, Maria A. Rezende (org.). Educação e cultura: pensando em cidadania. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
- SENGE, Peter. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. São Paulo: Best Seller, 1990.
- VITTADINI, Nicoletta. **Comunicar con los nuevos media**. In BETTETINI, Gianfranco. Las nuevas tecnologías de la comunicación. Barcelona: Editora Paidós, 1995.

Nome do arquivo: 55200765836PM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: Escrita coletiva:
Assunto:
Autor: edersonlocatelli
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 5/5/2007 16:57:00
Número de alterações:130
Última gravação: 5/5/2007 18:49:00
Salvo por: Itautec
Tempo total de edição: 110 Minutos
Última impressão: 24/8/2007 16:49:00
Como a última impressão
Número de páginas: 10
Número de palavras: 5.054 (aprox.)
Número de caracteres: 27.297 (aprox.)